

confidencias da senhorita não acharam coração em que se abrigassem. Por isso, eu pude com pequeno artificio obter della maior confiança do que a propria mãe, que todavia Margarida cuidava amar de todo o coração.

Uma menina de outra classe social, filha de um desses casaes de burguezes, á custa de quem nós rimos a cada hora, mas que em muitos pontos, estão no caso de nos darem lições, mesmo sem o saberem, teria contado tudo a sua mãe, e em poucas horas se apuraria a verdade, sem que figurassem nos negocios de familia pessoas estranhas e capazes de pôrem tudo em um livro, como eu estou fazendo agora, de certo com escandalo e reprovação de todos quantos acreditam na incontestavel verdade desta singella narração.

Além destas considerações moraes, vinha-me á idéa a cada instante o negocio das joias, de que eu não sabia a mais pequena cousa que me pudesse guiar no labyrintho dos meus planos. D. Julio era ou é avaro, dizia eu comigo mesmo; as joias foram insignificantes, e a senhorita ganhou asco á avareza do noivo, como todas as mulheres de pensamentos elevados. Mas isto não podia ser. As joias foram apresentadas extra-officialmente á condessa de Relta e á filha, e ambas as approvaram. Aqui para nós, até se admiraram de que D. Julio tivesse tido a idéa de fazer presentes de tal riqueza.

Mas então o que houve com estas malfadadas

joias? Ninguém o sabe senão Margarida e o barão. Ella não m'o diz. Elle ha de querer confidencia por confidencia, e eu não tenho nada que lhe contar! E aqui estou mais confuso e atrapalhado do que no principio. É que se não me conservo em posição superior ao barão, não só lhe dou maior força do que elle já tinha, mas fico por intrigante, mexeriqueiro, calumniador e intromettido nas vidas alheias. Bonita perspectiva!

Nesta occasião passou perto de mim M.^{me} de Landstein, e vendo-me com os olhos pregados no tapete, e em meditação profundissima, parou e deixou-se ficar á espera de que o meu extase acabasse. Como vi aquella sombra a pouca distancia, levantei a cabeça, e dei com a esbelta allemã sorrindo.

—Então que é isso? disse-me ella, sentando-se ao meu lado, É nostalgia domestica ou pensamento de deslealdade conjugal?

— Nem uma cousa nem outra. Foi uma nuvem de arrependimento que passou.

— De arrependimento?

— Sim. Arrependimento de ter aceitado o papel de D. Quixote no negocio do casamento. Então que quer? Por prompto que esteja o espirito, a carne é enferma.

— Mas, porque se arrependeu, quando, segundo me disse Pepita, tudo lhe sahe á medida do nosso desejo?

— É que estou sem saber por onde caminhar. Se

não obrigo o barão a contar-me tudo, fico por mentiroso e tratante.

— Não tenha receio, Em caso de crise, nós todas nos sacrificaremos para o salvar. Bem sabe que eu, por amizade á Pepita e a D. Julio, até me resignei a aceitar a côrte do barão.

— Eu não tenho receio. Senti durante um minuto a influencia daquella parte egoista e bestial, segundo a phrase de Mr. de Maistre, que ha em todos nós, mas passou. Cá tenho outra vez na cabeça o elmo de Mambrino. Deus queira que eu não vá combater contra os moinhos de vento.

— Pois desanima assim na vespera do combate?

— Na vespera, quem não treme? No dia, isso é outra cousa. Ah! veiu-me agora uma idéa.

— Qual?

— Não lh'a digo. Parece incrível que me não tivesse occorrido. Amanhã saberá o resultado.

Os convidados começavam a ausentar-se; as danças tinham acabado, porque não houvera *cotillon*; servia-se uma ceia volante, e a sociedade volvera a formar grupos, como ao principio da noite. M.^{me} de Landstein levantou-se, e foi reunir-se á Margarida e Pepita, que estavam no mesmo circulo. D. Julio, como sempre, não largára o posto.

Não me despedi de pessoa alguma, e sahi. Ao passar á segunda sala encontrei a condessa de Relta, que me pareceu contente de vêr os noivos em boa harmonia; fiz-lhe os meus cumprimentos pela

animação da sua *soirée*, e parti para casa. Creio que o barão tinha sahido antes de mim. Talvez precisasse de descanso. Eu, de certo, carecia de ar.

Desde o palacio de Relta até minha casa tive occasião de observar uma economia municipal de Madrid. Á meia noite apaga-se um candieiro entre dois, em todas as ruas da cidade. É uma originalidade nacional; *Cosas de España*, como elles dizem aqui. O que dirião os nossos visinhos hespanhoes, este *populus late rex* ou que tal se crê, se nós apagassemos em Lisboa meio bico de gaz, como um juiz de fóra de Aveiro mandou matar meio boi?

Em casa achei o meu criadó levantado, o que eu lhe não exijo, quando entro tardo. Disse-me que o sr. barão de Nassot viera por aqui, e que me deixára um bilhete de visita.

— Quando? perguntei-lhe eu.

— Haverá uma hora. Elle escreveu umas palavras com um lapis.

Peguei no bilhete sem poder imaginar o que seria, e entrei no quarto com curiosidade de lêr o que o nobre barão não quizera dizer-me no palacio de Relta.

XVIII

Descreve-se a casa do ourives Granadino, e vae-se acclarando o negocio das joias. Assomam no fundo da scena a Peralta e o duque de Roseta.

Madrid 7 de abril de 1861.

O Granadino é o melhor ourives hespanhol de Madrid, e de certo o mais rico. Seu pae mandou-o aprender em França, depois visitar a Suissa, e correr quasi a Europa inteira. Quando regressou á capital de Hespanha era um artista consumado, e um homem de excellente educação.

Foi bom que desde moço se creasse em França. Com a riqueza que herdou teria renegado o officio paterno. Da possibilidade de ser o primeiro artista nacional no seu genero, teria cahido na miseria das pretensões nobiliarias, se a educação recebida nos paizes civilizados lhe não houvera ensinado a respeitar a dignidade da corporação e a propria, e a honrar o trabalho.

Na nossa península é raro o homem de officio, a quem a fortuna favoreceu, que não busque separar-se da classe, e dar ao dinheiro o baptismo de umas distincções nobiliarias que o tornam ridiculo, e que muitas vezes o fazem odiar. Bacalhoeiro rico quer ser commendador; merceeiro de retorno da America aceita barão com promessa de visconde, o burguez que serviu na vereação, conta com a carta de conselho, e os outros vão pretendendo tudo quanto ha dahi para cima, porque para baixo ninguem quer dar um passo.

Por mais que digam a um destes que M.^{me} Érard, riquissima proprietaria da *Muete*, que foi da condessa du Barry, ainda vende pianos; que em Inglaterra ha familias mechanicas que de paes a filhos passaram, durante alguns seculos, os instrumentos deste ou daquelle officio, que dessa antiguidade se pressam e honram, fica na mesma o tal. O prurido nobiliario é superior a todas as considerações.

O granadino nasceu ourives, creou-se ourives, e ourives se conservou até hoje. A unica mudança que fez consistiu em transferir a loja do rez da rua para o primeiro andar, onde mais commodamente recebe os seus freguezes, livre da poeira assaz frequente em Madrid, e de mil outros inconvenientes.

A casa da entrada, o salão da exposição dos objectos de ouro e prata, a saleta dos brilhantes e joias, e o gabinete particular do dono da casa, a que se segue para o interior o escriptorio dos caixeiros,

têm a sumptuosidade que é frequente em Madrid. Os tapetes começam no fundo da escada, e cobrem todos os soalhos. Os armarios são de pao preto, os moveis de damasco encarnado, as cortinas igualmente, mas sobrepostas a outras de cassa bordada.

A saleta dos diamantes tem estantes de madeira de rosa, onde se veem os braceletes, diademas, pingentes, brincos, collares, alfinetes de peito e tantas joias de elevado custo, e dois contadores com gavetas pequeninas, onde se guardam as pedras que ainda não tiveram collocação ou que a perderam. O gabinete, forrado de seda amarella em acolchoadinho e sem deixar vêr a madeira, é guarnecido com moveis de Boule, cobertos de seda igual á que cobre as paredes e o tecto.

Tudo está arranjado e disposto com riqueza e elegancia, e o que poderia parecer pesado na habitação de um homem de bom gosto, é regular e proprio em uma casa de exposição permanente, e em terra de tão desatinado luxo, como é Madrid.

O granadino, como chamavam ao pai por ter vindo de Granada, é ainda moço e extremamente amavel. O seu animo cortez só se altera quando lhe fallam no celebre Daumont, ourives francez e discipulo de Duponchel, que veiu ha annos estabelecer-se em Madrid. Quem comprou uma vez em casa de Daumont, é recebido com frieza nas salas do granadino, e não consegue que lhe acceitem encomenda por avultada que seja.

N'este ponto, o granadino é inexoravel. A sua rivalidade com Mr. Daumont é invencivel, e exagerada pela aversão aos estrangeiros, que é commum em Hespanha. Quando a duqueza de Medina Celi deu, ha cinco ou seis dias, um baile *costumé*, que lhe custou mais de cem contos, muitos hespanhoes não gostaram, porque a industria nacional não podia fornecer tudo quanto era necessario! Mal sabem elles, a que ponto subiria a industria em Hespanha, se houvesse trinta duquezas de Medina Celi, e resolvidas todas a dar bailes, como este, todos os annos!

O principe dos ourives levanta-se ás 7 horas, toma o seu chocolate, examina as contas da vespera, prepara os papeis para a escripturação, e conserva-se no seu gabinete, onde não entra quem quer. Grandes de Hespanha teem voltado de casa do granadino sem lhe fallar, e a um, que fôra freguez do Daumont, recusou elle formalmente uma encomenda de 10 mil duros.

Na manhã do dia immediato á *soirée* de Relta, pelas 8 horas, o granadino, passando pela salleta, encontrou um homem que esperava algum criado para se fazer annunciar, e contra o seu costume, que era não reparar em quem estava, perguntou-lhe quem era, e o que queria.

—Sou um amigo da familia de Lovera, respondeu o desconhecido, e desejo fallar ao dono da casa.

—Sou eu mesmo. Os amigos da familia de Lovera estão aqui em sua casa. Queira entrar no meu gabinete. E como vai a sr.^a marquezita? Já chegou?

—Chegou ha dias.

—E quando é o casamento do sr. D. Julio?

—Creio que muito breve.

O leitor já adivinhou que o desconhecido era este seu venerador e criado, e tambem não ignora o motivo que me levou á casa do afamado ourives madrileno a horas tão matinaes.

Sentámo-nos, e o ourives olhou para mim preparado para ouvir o que eu ia dizer-lhe.

—Foi na sua casa que se fez o collar, brincos e bracelete do noivado para a menina de Relta, segundo me disse D. Julio?

Falla do que elle encommendou?

—Sem duvida.

—É porque a senhorita de Relta não é minha fregueza, e pôde ser que tenha joias preparadas em diferentes casas.

—Nada. Eu trato do que D. Julio encommendou, e que eu vi. É, na verdade, primoroso! disse eu, sem nunca o ter visto.

—Ali estão os moldes, respondeu o ourives, apontando para uma vitrina que não continha outra coisa, e que merecera um logar distincto entre as duas sacadas do gabinete.

—Exactamente o mesmo! Lindo é, e pôde lisongear-se da invenção.

—Eu só me lisongei da execução. A invenção não é minha. E por isso tenho mais gosto n'esses enfeites. Admira-se? Não é verdade?

—De certo. Parecia-me mais natural que dêsse a preferencia aos productos originaes de sua casa.

—Tudo tem suas razões n'este mundo. Esses moldes foram feitos sobre um desenho de Duponchel, que é, na verdade, um artista primoroso. Eu estava em Paris quando elle os mandou fazer, e executou depois para a noiva de um dos Rothschilds, porém impozeram-lhe a condição de que não faria outro igual em França.

—É singular.

—São manias de gente rica. Assim se fez; porém Mr. Daumont trouxe-os para a Hespanha, e aqui fez, ha tres ou quatro annos, um collar, brincos e mais partes de um enfeite completo segundo os tres moldes. Foi encommenda do duque de Roseta, que os deu de presente á celebra Peralta, em quem, de certo, hade ter ouvido fallar.

—É uma dama das camelias cá da terra.

—Filha de marmore, dama das camelias, ou como lhe quizer chamar. Este presente deu que fallar em Madrid durante seis mezes, e nunca a Peralta vai á sua frisa do theatro real, que a não mirrem todos a vêr se traz aquellas preciosas joias.

—N'esta terra de luxo, de vaidade e de emulação, continuou o ourives, toda a gente cobiou um enfeite igual. Primeiro as rivaes de Peralta, depois

as senhoras mais ricas de Madrid, porém Daumont fizera ao duque de Roseta a promessa que os Rothschilds obtiveram de Duponchel, e fôra pago segundo esse ajuste.

Com a recusa cresceu o desejo, mas todas as tentativas foram inuteis. O duque de Roseta morre de amores pela Peralta, e não quiz desfazer o contrato, mesmo recebendo metade do preço. Vieram ter comigo. Eu nunca tinha visto aquella obra, nem podia obter os moldes; porém, como entendo que a industria nacional deve combater até á ultima extremidade, e não se deixar vencer pelos estrangeiros. resolvi-me a empregar todos os esforços para obter os suspirados moldes.

— Não havia de ser facil sem a coadjuvação de alguem da casa de Daumont, meio que talvez desagradasse á sua delicadesa.

— Vejo que me faz justiça. Eu era incapaz de consentir em uma fraude artistica, que consideraria como roubo. Pude alcançar tudo mais facilmente do que julgava. Um banqueiro amigo de Rothschild escreveu-lhe, e obtive logo os moldes.

— Bravo! Isso é que se chama ir á fonte limpa!

— Não havia outro meio honesto. Ora, quando elles chegaram, veio o sr. D. Julio encommendar os presentes do noivado. Era a occasião de mostrar que na minha officina se trabalha tão bem ou melhor que em casa de Daumont. Mostrei a D. Julio os moldes. Gostou. Disse-lhe o preço, que é subido;

não hesitou. Comecei a obra, e parece-me que não deixei a industria hespanhola inferior á franceza. Esse era todo o meu empenho.

— Eu não conheço os enfeites da Peralta, mas os da senhorita de Relta são admiraveis, disse eu, como se os tivesse visto.

— A sua approvação é-me lisongeira, porém, perdôe o que lhe vou dizer; eu tenho voto menos suspeito, e que me encheu de jubilo.

— O de algum artista estrangeiro?

— Sim, senhor. Tenho o testemunho do proprio Daumont que tomou o meu trabalho pelo seu! Soube-o por um rapaz que trabalhava em casa d'elle, e que está agora na minha.

— Isso é, na verdade, curioso.

— Vai ouvil-o da propria boca de quem estava presente.

Neste ponto tocou a campainha, e pouco depois appareceu um criado, a quem elle deu ordem de ir vêr se já chegára Affonso, e de lhe dizer que passasse ao gabinete do patrão. Affonso não se fez esperar, e o ourives disse-lhe:

— Contê aqui a este senhor o que se passou em casa de Daumont com o collar e mais ornatos que se fizeram aqui para a senhorita de Relta.

— Uma manhã, disse o rapaz, chegou lá uma mulher desconhecida, trazendo o collar e os seus accessorios. Perguntou pelo patrão, e quiz saber d'elle se eram aquellas joias as que elle tinha feito para a

Peralta. O sr. Daumont examinou-as com muito vagar, e respondeu que sim. A mulher saiu, e elle accrescentou que era a melhor obra que tinha feito, e que nunca lhe parecera tão perfeita. Entretanto, proseguiu o mancebo, a vinda desta mulher excitou curiosidade, e o patrão mandou-me que a seguisse. Assim o fiz, e vi que entrou para o palacio de Relta, e não saiu durante tres horas que passei a esperar por ella. Entendemos d'ahi que a Peralta vendera as joias, mas nunca se fallou nisso ao duque para o não mortificar.

— Está bom. Póde retirar-se, disse o ourives, e, voltando-se para mim, accrescentou: Já vê que não póde haver testemunho mais lisongeiro para mim.

— Porém não atino com a razão que obrigou a senhorita de Relta a essa curiosidade.

— Talvez suspeitasse que fôra obra de Daumont. Talvez imaginasse que a Peralta teria vendido aquellas preciosidades. Emfim, isso é o menos. Eu, que sei que a Peralta não vendeu cousa alguma, que é rica e que tem certos principios de delicadeza que a impediriam de offender o duque, posso affirmar que a mulher levou ali a minha obra, e que Daumont a tomou por sua. Se não fosse negocio em que entram familias como a de Loverá e a de Relta, já o tinha posto nos periodicos para abater a vaidade a estes forasteiros francezes, que cuidam levar a primazia aos nossos artistas hespanhoes.

— Então a Peralta tem principios de honra? Onde

demonio elles se foram metter, como dizem os francezes?

—A Peralta é uma rapariga bem educada e de bom nascimento, que uma tia desnaturada deitou a perder para satisfazer a sua ambição de riqueza, mas é muito boa rapariga. Ella vinha dantes á nossa casa no tempo de meu pae. Depois que se lançou nessa vida, não lhe fallei mais, porém sei que não ia vender um presente do duque.

—Pois, senhor, dou-lhe os meus parabens, e encanta-me ver a sua energia em favor da reputação artistica do seu paiz.

—Talvez eu o tenha enfastiado com esta historia, mas é o meu fraco. Cada um tem a sua mania. A minha é a de ser o melhor ourives de Hespanha, e de não me deixar vencer pelos franchinotes.

—E Daumont é, realmente, um artista de merito?

—É, sem duvida. Eu não nego a verdade, porém nós valemos tanto como elle, ou nós não descendemos dos arabes. Conhece o conde de Cervellon?

—Quer dizer o duque de Fernã Nuñez?

—Esse mesmo. E já viu os jaezes que elle conserva de um rei mouro morto pelo sr. de Fernã Nuñez ha sete ou oito seculos?

—Já vi, e são preciosissimos.

—Pois a nação onde se trabalhava assim, ha tantos seculos, não se deve deixar vencer de nenhuma outra.

—Tem razão.

— Mas, enfim, são fumaças patrióticas tudo isto. Em que posso eu ser-lhe util? Eu pedi segredo ao sr. D. Julio até ao dia do noivado, porque desejo que essa minha obra cause surpresa. Vejo, porém, que elle lh'o confiou.

— Com a condição de o não dizer a pessoa alguma.

— Contava com isso. Os Loveras são typos de honradez. Eu, porém, que sei o que são senhoras, disse-lhe que, se lhe fosse necessario, o dissesse francamente.

— Pois já se viu bem apertado, mas não o disse senão a mim. Olhe, encarregou-me de lhe dizer que talvez tenha de declarar a verdade antes do casamento. Elle tinha vergonha de lhe vir pedir esta permissão. Puerilidades de noivos!

— Que o diga, quando quizer. A minha exigencia tambem era uma puerilidade de artista!

Levantei-me, dei a mão a este honrado homem, e sahi promettendo-lhe vir examinar mais detidamente as preciosidades que de passagem observei nos salões do ourives.

O bilhete que eu recebera do barão, adiava para as duas horas o almoço a que me convidára, sob pretexto de uma visita que devia fazer ao meio dia, e de que se esquecera quando me convidára.

Fui dar um passeio para coordenar as minhas idéas. Parecia-me saber que a intriga toda versava sobre a identidade das jóias, porém, d'ahi a conhecer em que essa semelhança podia indispôr a senho-

rita, havia grande distancia. Suppôr que uma tal circumstancia offendesse a susceptibilidade da noiva, fôra injustiça ao seu bom juizo. Havia, pois, outro enredo.

No fim de muito meditar, encontrei-me sempre na mesma perplexidade, até que, passando diante da casa do ministro de Inglaterra, li, por acaso, nas armas que estão na porta a conhecida legenda: *Dieu et mon droit*.

Muito bem, disse comigo. *Deus* ha-de ajudar-me a apurar a verdade, e o *meu direito* de vida e morte sobre os sevandijas da raça do barão ha-de-me dar forças para a empresa. Desde hontem que tenho adiantado as operações do assedio de uma maneira espantosa. Se ao almoço fizer brecha praticavel, a praça será minha.

Fortificado com estes pensamentos entrei na casa do barão com a coragem com que Roldão, se me não engana a memoria, investiu com a cova Triste-feia. Eram duas horas no relógio trifronte da Porta do Sol.

XIX

De como a casa e almoço do barão de Nassot eram dignos da sua prosapia e bom gosto, e a historia das joias ainda mais.

Madrid, 7 de abril de 1861.

Não exijas, pacientissimo leitor, que eu te descreva a casa do barão de Nassot. Não te interessaria a relação circunstanciada do que contém o primeiro andar em que habita o banqueirito na *calle de la Montera*, e a mim pezar-me-hia de recordar-me do que por lá vai.

«Tambem ao filho de Anchises, dirás tu, se te condemnaram na mocidade a aprender latim, e se cumpriste a sentença até á Eneida de Virgilio, tambem ao filho de Anchises aborrecia contar a historia do incendio de Troia, mas sempre a foi narrando á sensibilissima Dido.» Tens razão, leitor, e eu tambem. Enéas era senhor da sua vontade, e eu da minha.

Em virtude, pois, deste principio de liberdade que atravessou todas as idades desde o pae de Ascanio até aos nossos tempos, ficarás sem saber a côr das cortinas, sem apreciar a seda das cadeiras, e sem conhecer os bronzes, as porcellanas, e mais quinilharias da estupenda casa do barão de Nassot.

Não te desconsolés. Tu podes imaginar tudo, mesmo sem ter ido ali almoçar com elle, como eu tive a honra de fazer. Conheceste no Porto a loja do adeleiro Raymundo, junto do ultimo degrau das escadadas de S. Sebastião, que do largo da Sé dão passagem para a rua Escura, para os Pelames, e para todo o estreito e tortuoso bairro da Bainharia?

Já entraste na casa da Caetana, ao Passeio, em Lisboa, por entre montanhas de pratos da Índia, outeiros de terrinas e de pratos cobertos, e colinas de chicaras e assucareiros? Já ali acotovelaste quadros do morgado de Setubal, falsos Andrêas del Sarto, Lucas Giordano impossiveis, e Raphaeis e Ticianos de meia tigella?

Dobraste todos os cabos, examinaste as enseadas e atravessaste aquelles golphós de *plaquet*, e de leques chinezes, até ires dar com o gallego que, na ausencia da dona da casa, empunha o caduceu commercial do estabelecimento? E ouviste-lhe pedir por uma chavena *binte libras*, por um prato redondo *xinco libras*, e por um prego torto *quinxe tostões*?

Pois a casa do barão é a loja do Raymundo reunida á da Caetana. O gallego é elle proprio. Naquella

confusão de Babel, em que a pezo de ouro se reuniram de má vontade as cousas mais disparatadas e oppostas que podem lembrar a quem nunca soube pôr casa, era de ver como o proprietario me referia o preço de cada preciosidade! Isto custára cem libras. Aquillo duzentas. Este quadro mil duros. Estoutro mil e quinhentos. E que quadros! Santo Deus!

Depois de me obrigar a passar revista a esta inqualificavel exposição, entrámos para um gabinete menos abarrotado de trastes e de tolices de porcelana, onde um criado nos veiu annunciar que o almoço estava servido.

— Vai vêr, disse o barão, indicando-me a porta por onde eu devia passar, como eu o trato com amisade e sem cerimonia. Dou-lhe o meu almoço ordinario.

Agradei com uma inclinação de cabeça, ao transpôr a porta que dava para a sala de jantar, e vi sobre a mesa, entre uma prodigiosa quantidade de flores, um enorme prato do Japão, inteiramente cheio de ostras. Este acepipe é raro e carissimo em Madrid, porque os portos de mar que as fornecem estão a grande distancia, e ainda sem caminho de ferro que os ligue á capital. Para se aproveitarem algumas ostras, perdem-se muitas, o que, na verdade, augmenta o preço das que se chegam a comer.

As ostras seguiu-se lagosta. Depois croquetes. Em seguida costelletas. Logo perdizes com trufas. Im-

mediatamente as célebres *criadilhas* hespanholas, e para final uma salada de alface e pissenlit com galinha e o competente mólho de azeite e ovos. Adamastor, em dia de fome gigantesca, teria recuado diante desta inexplicavel profusão, mesmo sem olhar para os postres que do aparador mais proximo nos estavam ameaçando.

Dos vinhos não fалlemos. Desde que me hospedei em casa do sr. Deuringer, em Augsburgo, no afamado hotel dos *Dhrei Moren* (Os Tres Pretos), ainda não tinha tornado a vêr-me rodeado de tão descomposta quantidade de vinhos, e de tão variado sortimento de garrafas. Alguns destes liquidos preciosos eram tão pallidos, outros tão rubicundos, que me chegou a lembrar, se uns, por zanga de pertencerem a tal dono, e outros, por vergonha, teriam aquellas côres diferentes.

Esta ostentação de máo gosto, mesmo na provincia, era uma consequencia do character vaidoso do meu caro barão. Não comi, nem bebi da maior parte dessas cousas, mas a cada prato e a cada garrafa com que os criados me vinham acommeter dava largas á minha admiração, e atirava ao meu generoso hospede bombas de lisonja, que lhe iam estourar certas junto do coração, com manifesto jubilo daquella alma de cantaro.

Durante o almoço conversámos de assumptos indifferentes, até que já perto da noite, passámos para o gabinete do joven banqueiro, em cuja limitada es-

tante de livros brilhavam com encadernações douradas as obras de Pigault le Brun, os romances de Paulo de Kock, *Mademoiselle de Maupin* de Theophile Gautier, *Les Liaisons Dangereuses*, *Faublas* e outros livros de sã doutrina e regalado pasto espiritual para caixeiros philosophos, e para philosophos caixeiros.

Cuspi em uma escarradeira de metal o nojo que mecausou esta estupida collecção de sujidades immo-raes e de abusos litterarios, e acendi um charuto de Cabañas vindo directamente de Havana para o governo, e de um dos ministerios para o poder do nosso gentil barãosito.

Aqui é forçoso explicar que da Havana vem por conta do Estado grande quantidade de charutos, que se repartem pelas pessoas da côrte e ministros, os quaes presenteam com elles os seus amigos. É bom registrar este santo costume, porque na mania de reformação em que anda o mundo, é possivel que tambem dê cabo desta innocente ajuda de custo, como já tem abolido tantas outras comedorias igualmente inoffensivas. O que é bom dura pouco!

Estavamos sós, mas eu deliberára não principiar a conversação ácerca da senhorita de Relta. Ambos sabiamos que era indispensavel chegar a este ponto, porém nenhum ousava dar o primeiro passo. Finalmente, o barão, mais moço, mais fogoso, com menor sangue frio, e pessoalmente interessado no negocio, resolveu principiar.

—Então hontem ficou muito tempo no palacio de Relta? Eu tinha que me levantar cedo. Por isso não estive até mais tarde.

—Sahi já perto das tres horas. Linda noite estava!

—Ainda se dançou muito?

—Não. O resto da noite foi-se em palratorio. Eu deixei a sociedade em grupos como a encontrára, e os noivos a noivarem com persistencia.

—De certo menor que a sua em lhes chamar noivos. Creia que não casam.

—Pois eu persisto em crer que sim. Estou cada vez mais firme na minha opinião. A historia das joias é falsa.

—Quem o ha-de provar?

—Eu, se fôr necessario.

—Mas não é. Um viajante que passa aqui, e que não tem interesse no que acontece em Madrid, como hade julgar necessario metter-se no negocio delicado de um casamento, e fazel-o ou desfazel-o para proveito deste ou daquelle?

—Eu já lhe disse que sympathiso com a senhorita de Relta, e que me apraz contribuir para a sua felicidade. O negocio depende della. Se a noiva gosta do barão, pôde contar-me no numero dos seus auxiliares.

—Não me atrevo a dizer-lhe que ella gosta de mim. Não quero que me chame fatuo. Mas sabe quem a dissuadiu de casar com D. Julio?

—Sei perfeitamente.

—Então quem foi?

—Foi o barão, contando-lhe uma historia falsa.

—Falsa ou verdadeira. Esse é outro ponto, que discutiremos logo, se fôr preciso. Entretanto, para separar assim os dois noivos, é necessario exercer um certo poder no animo da senhorita. Pois esse poder é que eu lhe peço que respeite, e que não busque contrariar as resoluções de Margarida.

—O barão engana-se. A deliberação da senhorita proveio da historia das joias, e não da influencia de quem lh'a contou. E senão, vejamos quanto tempo dura o seu imperio, desde que eu provar a falsidade do conto.

—A falsidade...

—Ouça, barão, interrompi eu. — Este negocio é grave, e eu não posso prometter-lhe cousa alguma, sem saber a verdade da sua boca. Não affirma que Margarida o prefira a D. Julio?

—Não. Não quero affirmar.

—Bem. Não me convence de que é verdadeira a historia dos diamantes?

—Ainda me não provou que fosse falsa.

—E para que? O barão bem o sabe. Eu tambem. É quanto basta.

—Não acho. Entre um que diz que sim, e outro que diz que não, é indispensavel o testemunho de terceiro.

—Bem. Vejo que não combinamos, e que deseja

que eu falle. Pois vá. Serve-lhe D. Julio para desempatar?

—Não, que é interessado no negocio.

—Busquemos outra pessoa. O duque de Roseta, por exemplo? É um homem de bem.

O barão teve um sobresalto nervoso. Fiz que não percebi, e continuei:

—Elle é entendido em joias. Bons milhares de duros tem dado a Daumont. Tomára o Granadino ter dois freguezes assim!

—Pois já conhece o duque, Daumont e o Granadino?!

—Ainda conheço mais. Agora mesmo venho de casa da Peralta, onde o duque me apresentou. Por ter de vir aqui, é que não acceitei o convite de almoçar com elles.

O barão lançou fóra o charuto que estava apenas começado, bebeu dois gollos de agua, accendeu outro Cabañas, e poz-se a passear no gabinete com agitação, que poderia communicar-se a pessoa menos disposta do que eu a conservar o maior sangue frio. De repente parou. Vi que lhe passára pela idéa o desejo de fazer uma experiencia. Aguardei o resultado. Encostou-se á mesa, que lhe ficava perto, e disse-me com ar muito sisudo, talvez mesmo irado:

—N'este negocio quem ficar vencido deve-o á lembrança que você teve de se metter n'elle, estando aqui de passagem. Sabe quaes são as consequencias?

—Sei, respondi-lhe sorrindo e olhando para um trophéo de armas que estava na parede do gabinete defronte da escrivaninha do barão. Se estas complicações não tivessem de acabar assim, não valia a pena andar a tratar de as desfazer. Quando entender que a medida está cheia, conte comigo.

—Eu não o quero para adversario no campo, nem nas salas. Quero-o para alliado, retrucou o barão, vendo que não me intimidava com a possibilidade de um duello. É singular a minha posição. Por bem fazer, mal haver.

—Não entendo.

—Eu vou explicar-lhe tudo. Quero ser franco. Não ha remedio. Verá que o meu proceder tem a mesma causa que o seu, e, todavia, não se parecem.

—Póde ser.

—E é. Sei que estima D. Julio, mas n'este negocio é indispensavel fallar claro. D. Julio é avarento. Esta qualidade é uma fonte inexgotavel de desgostos para uma senhora casada. Eu sou amigo verdadeiro da senhorita de Relta, e devo muitas attensões e obsequios á sua mãe. Por isso entendi que devia obstar á desventura d'aquella pobre menina. Se não fosse o desejo de salvar Margarida das garras d'um avarento, nunca lhe teria revelado que os diamantes eram os da Peralta.

—Como assim? lhe respondi eu, como se ignorasse tudo. Pois os diamantes não foram comprados por D. Julio expressamente para o noivado?